

O género literário de «Judite» e os Macabeus

Os críticos actuais dão por mais ou menos resolvidos um certo número de problemas postos pelo deutero-canónico Livro de Judite. O texto original era sem dúvida semítico e provavelmente hebraico. É certo que S. Jerónimo fala de um exemplar «chaldeo sermone conscriptus», que traduziu para latim numa escassa noite («unam lucubratiunculam»)¹. Mas, a avaliar pelos hebraismos subjacentes ao texto grego, o original deve ter sido hebraico e não aramaico². O hebraico coexistiu com as versões gregas e influenciou a história da transmissão textual dos LXX. As variantes não se explicam apenas por erros mecânicos e intencionais. Algumas são correcções feitas ao grego com base no original hebraico³. Embora desconhecido de S. Jerónimo e de Orígenes (*Ad Julianum Africanum*, 13), o original hebraico chegou até nós parcialmente em quatro textos, um dos quais, bastante conhecido, se juntou a uma colecção cabalística e litúrgica para a festa de Hanuca⁴. A.-M. Dubarle, que estudou profundamente o problema, pergunta-se se não terá havido primeiro uma tradução estrita do protótipo semítico, seguida de uma adaptação livre⁵. A avaliar pela diferença entre os textos

¹ Prefácio a *Judite*, em Migne PL 29, 39-40.

² A. SCHOLZ, *Commentar zum Buche Judith*, Würzburg-Wien 1887, p. XX; A. MILLER, *Das Buch Judith* (HSAT IV/3), Bonn 1940, pp. 15-16; G. PRIERO (La Sacra Bibbia — S. Garofalo), Torino-Roma 1959, p. 6; A. BARUCQ, *Judith, Esther* (BJ), 2.^a ed. Paris, 1959, p. 11; C. BRAVO, *Judit* (La Sagrada Escritura III) Madrid 1969, pp. 146-147. F. STUMMER, *Das Buch Judith* (Echter-Bibel), Würzburg 1954, pronuncia-se por uma «jüdisch-aramäische Vorlage» e L. ARNALDICH (Biblia Comentada II), 2.^a ed. Madrid 1963, p. 845 diz que o original de Jdt. era «hebreo o arameo».

³ F. ZIMMERMANN, *Aids for the Recovery of the Hebrew Original of Judith*, em JBL 57 (1938) 67-74.

⁴ A última edição é de J. D. EISENSTEIN, em *Osar Midrashim*, New York 1915.

⁵ A.-M. DUBARLE, *Judith, Formes et sens des diverses traditions*, I (Études), Rome 1966, pp. 18-19.

gregos e a Vulgata, o tradutor-autor grego não se cingiu servilmente ao modelo hebraico, mas remodelou-o sem grande cerimónia⁶ e deixou perceber a sua familiaridade com os LXX⁷.

O autor é completamente desconhecido e não se vê que se possa identificar com Jesus Ben Sira⁸. Quando muito pode dizer-se que era judeu, pois escreve em hebraico e mostra-se muito orgulhoso da sua raça e das instituições do seu povo, o único que teve a coragem de se opor às ambições de Holofernes (*Jdt.* 5,1-4)⁹. Deve ser mesmo um judeu palestinese, pois conhece bem a topografia da Samaria¹⁰.

Sobre a data há unanimidade quase total. O livro é pos-exílico e mais concretamente dos séculos II-I a. C.¹¹. Para este tempo apontam a mentalidade legalista da narrativa, o ardente patriotismo do autor e as semelhanças com a ideologia de Dan.¹² Como o litoral e a Galileia estão ainda independentes da Judeia (*Jdt.* cc. 2-4), não se pode ir além do reinado de Alexandre Janeu (102-76 a.C.). A longa paz recorda o tempo de Simão Macabeu (142-134 a. C.) e sucessores. *Jdt.* terá então aparecido entre 150 e o primeiro quartel do séc. I a. C., mais provavelmente entre Dan. e Est. (164-125 a. C.)¹³.

O valor literário de *Jdt.* não ocupa infelizmente muito a atenção dos estudiosos, mais voltados para questões de língua, autor, data e história. Mas não passou despercebido a Fritzsche¹⁴, Steinmann¹⁵ e Lefèvre¹⁶.

⁶ *Ibid.*, p. 15.

⁷ *Ibidem*. Não, porém, em *Jdt.* 2,23 (Φουδ καὶ Λουδ), que só tem correspondente exacto em Ez. 30,5 ופוט ולוד traduzido pelos LXX por Κρητες καὶ Λυδοὶ καὶ Λιβυαί, onde foi claramente desmembrado em לוד e לוב. Cf. Jer. 46,9 (LXX 26,9); Ez. 27,10; Na. 3,9.

⁸ A. MILLER, *o. c.*, p. 22.

⁹ L. SOUBIGOU, *Judith* (La Sainte Bible — Pirot, Clamer IV) Paris, 1949, p. 496.

¹⁰ L. SOUBIGOU, *ibid.*; A. MILLER, *o. c.*, p. 22.

¹¹ L. SOUBIGOU, *o. c.*, p. 496; A. BARUCQ, *o. c.*, p. 16; A. LEFÈVRE, DBS IV, 1313; J. STEINMANN, *Lecture de Judith*, Paris 1953, pp. 31-32; R. H. PFEIFFER, *A History of the New Testament Times with Introduction to the Apocrypha*, New York 1949, p. 294; A.-M. DUBARLE, *o. c.*, I, 133 é favorável a uma data anterior, na época aqueménida ou ptolomaica, sendo a obra retocada na ocasião da perseguição de Antíoco IV Epífanes, para encorajar os fiéis. A datação de Volkmar (tempo de Adriano ou Trajano) é verdadeiramente peregrina (cf. E. C. BISSEL, *The Apocrypha of the Old Testament*, New York 1880, p. 160).

¹² Cf. J. BRIGHT, *A History of Israel*, 4.^a ed. London 1966, pp. 413 ss.

¹³ O. EISSFELDT, *Einleitung in das Alte Testament*, 3.^a ed. Tübingen 1964, p. 796; R. STIEHL, em F. ALTHEIM-R. STIEHL, *Die aramäische Sprache unter den Achemeniden*, Frankfurt a. M. 1963, p. 199.

¹⁴ O. F. FRITZSCHE, *Das Buch Judith*, em *Kurzgefasstes exegetisches Handbuch zu den Apokryphen des Alten Testaments*, I, Leipzig 1851, p. 127.

¹⁵ J. STEINMANN, *o. c.*, p. 125: «De telles pages (*Jdt.* 10,20-23; 12,2.6-9) sont la signature d'un grand artiste! Et quel sens de la composition!»

¹⁶ A. LEFÈVRE, *o. c.*, col. 1316.

Ora esta uniformidade de vistas parece acabar quando se aflora o problema do género literário. Nos fins do século passado, A. Raboisson defendeu calorosamente a historicidade estrita de *Judite* com grande dose de apologética e erudição, de mistura com alguma fantasia¹⁷. Mas a verdade é que os adeptos da historicidade de Jdt. vieram a perder cada vez mais terreno a partir do século xvi. Os estudiosos judeus admitiam quando muito um núcleo histórico¹⁸. Cappellus afirmou que Jdt. é ficção pura e simples¹⁹ e de então para cá esta opinião foi alastrando na investigação protestante²⁰. A pretensão de enfileirar Jdt. entre os livros históricos da Bíblia para determinar o seu género literário pode dizer-se definitivamente enterrada²¹. É possível que o livro espelhe uma ou outra reminiscência histórica. Mas basta ler o primeiro versículo para verificar que o autor não tem a mínima intenção de narrar história. «Nabucodonosor, rei de Assur, em Nínive» é algo de semelhante a «D. Manuel I, rei da França, em Paris...» Não façamos os escritores bíblicos mais ingênuos que os outros.

Wilamowitz chamou ao nosso livro «uma novela helenística típica»^{21a}. R. Stiehl acrescentou que Jdt. «não é apenas um livro helenístico, mas também um livro judeu». E apelidou-o de «romance histórico»²². Mas esta qualificação também não satisfaz. Os grandes romances históricos são justamente notáveis pelo seu sincronismo com os dados históricos, ao passo que Jdt. parece um mosaico de anacronismos intencionais. O seu Nabucodonosor aparenta-se mais com a figura homónima das histórias de Dan. do que com o rei histórico dos livros de Jer. e 2 Re. Os nomes do Holofernes e Bagoas ecoam vagas alusões a campanhas militares de Artaxerxes III, enquanto a profanação do Templo melhor se adapta a Antíoco IV.

¹⁷ A. RABOISSON, *Judith*, La vérité du livre de ce nom devant les documents cunéiformes et l'Histoire d'Hérodote, Paris 1898. Na p. 245 o autor afirma ousadamente «qu'il n'y a pas d'épisode dans l'histoire des hommes en ces âges relativement lointains qui puisse en présenter de pareille (richesse de preuves)». E isto por se ligar historicidade e inspiração, *ibid.*, p. 2.

¹⁸ Cf. E. EWALD, *Geschichte des Volkes Israel*, III/2, Göttingen 1852, p. 541; H. GRAETZ, *Geschichte der Juden*, Leipzig 1866, p. 132, ambos os autores citados em R. H. PFEIFFER, *o. c.*, p. 291. Veja-se uma lista mais completa, *ibid.*, p. 292, n. 5.

¹⁹ L. CAPELLUS, *Commentarii et notae criticae in Vetus Testamentum*, Amstelodami 1689, p. 575.

²⁰ O. WOLFF, *Das Buch Judith als geschichtliche Urkunde verteidigt und erklärt*, Leipzig 1861, é uma excepção.

²¹ Embora mais moderada, a tentativa de salvar Jdt. como fonte histórica em G. BRUNNER, *Der Nabuchodonosor des Buches Judith*, Berlin 1940, não convence; cf. a recensão de A. Miller em *Biblica* 23 (1942) 95-100.

^{21a} Em R. STIEHL, *o. c.*, p. 200.

²² *Ibid.*, p. 199.

Steinmann renuncia decididamente à história e conclui que «só o género apocalíptico parece autorizar tal voo acima do tempo»²³. Mais exactamente, Jdt. seria uma mistura de *haggada* e apocalipse²⁴. Barucq não anda muito longe. «O livro não foi buscar ao género apocalíptico nem a imagística esotérica nem o simbolismo nem a referência habitual à escatologia. Mas a sua ideia fundamental é francamente apocalíptica»²⁵. A. Scholz foi um predecessor desta orientação, defendida em dois livros quase da mesma data²⁶. Mas o livro não descreve um acontecimento situado nas fronteiras do tempo. E Barucq parece esquecer que um género literário não se define só pelas «ideias», mas precisamente por determinados elementos de composição literária. Embora se aponte o dualismo, o transcendentalismo e a ideia de que os acontecimentos escatológicos já estão determinados desde a eternidade e foram revelados a homens escolhidos há vários séculos, ainda não há definição aceitável de apocalíptica, para além da que a rotula de «fenómeno literário»²⁷. Ora nem sequer estas «ideias» aparecem em Jdt., que só em 16,17 tem uma pequena insinuação apocalíptica. É melhor, portanto, abandonar essa designação e, à falta de outra, confessar que «não temos termo para o (género literário) designar»²⁸.

Colocado entre o dilema — historicidade absoluta ou parénese com fundo histórico — Miller opta pelo segundo membro da alternativa. E justifica-se com a finalidade da obra, que só poderia encorajar a fé dos leitores «se, ao menos no essencial, narrar história»²⁹. É sensivelmente a mesma razão apresentada por Cornely noutro tempo e noutra língua e quiçá com maior ênfase: «Fictis enim exemplis Israelitae nequaquam indigebant, siquidem tota eorum historia

²³ J. STEINMANN, *o. c.*, p. 33.

²⁴ *Ibid.*, p. 129; cf. pp. 109-110.

²⁵ A. BARUCQ, *o. c.*, p. 15.

²⁶ A. SCHOLZ, *Commentar...* Logo de entrada (p. III) defende-se vigorosamente de Knaubenbauer, que atacara o seu livro anterior, *Das Buch Judith, Eine Prophetie*, 1885, numa recensão de Stimmen aus Maria Laach. Scholz cita Jahn, que havia mais de 80 anos negara a historicidade de *Judite* e Movers, que 50 anos atrás classificara Jdt. como «eine belehrende Erzählung», sem escandalizar ninguém. E continua o ataque às posições historicistas até à p. XIV.

²⁷ G. v. RAD, *Theologie des Alten Testaments*, II, 3.ª ed. München 1962, pp. 315-316.

²⁸ A. LEFÈVRE, DBS IV, 1319-1320, que no entanto mostra certa tendência pela aproximação de Jdt. com a literatura apocalíptica: o que os apocalipses proclamam com linguagem profética o nosso livro di-lo com uma narrativa. Mais uma vez se insiste demasiado no conteúdo para determinar o género literário.

²⁹ A. MILLER, *o. c.*, p. 6.

antiqua plena erat veris exemplis»³⁰. Este «Hauptargument» (Miller) não será muito convincente, ao menos depois das parábolas evangélicas.

Mais aceitável, Dubarle parte de duas negações (a narrativa não é histórica nem apocalíptica)³¹ e acaba por concluir que «o género literário de *Judite* se caracteriza antes como um rendilhado de episódios de cor bíblica sobre um plano muito mais sóbrio de factos tradicionais. Esta amplificação e inflexão de um dado preexistente estão ao serviço de uma intenção doutrinal»³². Este género não tem nome. Nem se lhe pode chamar «parabolische Geschichtsdarstellung» (Haag), pois isto parece negar todo o fundo histórico, sem o qual não se compreende a tradição do feito de Judite em textos bíblicos e nos midraches³³.

No entanto, a definição de Haag, conseguida num estudo aturado e metódico³⁴, ainda se apresenta como a mais recomendável. Israel foi muitas vezes confrontado com os inimigos da sua fé e da sua independência política. O primeiro inimigo histórico do povo é o faraó, que não reconhece ao Deus dos judeus capacidade para socorrer os seus adoradores. O plano de Deus (*Ex.* 3,7-10) embate frontalmente com a vontade do soberano (*Ex.* 5,2). A caminho da terra prometida surge a oposição dos amalecitas (*Ex.* 17,8), do rei dos amoritas (*Nm.* 21,21-23) e dos reis de Basan (*Nm.* 21,33) e de Moab (*Nm.* cc. 22-24). E ainda a procissão não vai na praça. Virão os cananeus (*Jos.* 6,1; 7,4-5), os moabitas (*Jz.* 3,29), os madianitas (*Jz.* 6,5) e os filisteus (*1 Sam.* 13,5; 17,4-10.26 etc.).

Os profetas encaram seriamente o problema de um poder político pagão de ambições à escala mundial (*Is.* 10,13-14), que cumpre uma disposição providencial de Deus (*Is.* 10,5), sem o saber (*Is.* 10,8-9)³⁵. A ameaça cresce em proporções escatológicas

³⁰ Em F. Steinmetzer, *Neue Untersuchungen über die Geschichtlichkeit der Juditherzählung*, Leipzig 1907, p. 113. Num tempo em que estava em moda esmiuçar filões literários, Steinmetzer pretendeu reconhecer em Jdt. quatro estratos narrativos com acontecimentos das épocas de Assurbanípal (1.º estrato), Ciro (2.º estrato), Neemias (3.º estrato) e Macabeus (4.º estrato) *ibid.*, pp. 111-113. O livro narra, portanto, história; só o último redactor teve intenções pareneticas.

³¹ A.-M. DUBARLE, *o. c.*, I, 162-163.

³² *Ibid.*, p. 164.

³³ *Ibid.*, pp. 163-164. A expressão poderia traduzir-se por «narração histórica em parábola», mas não deve induzir em erro. Não se trata de uma narração histórica senão na forma.

³⁴ E. HAAG, *Studien zum Buche Judith*, Seine theologische Bedeutung und literarische Eigenart, Trier (Trierer Theologische Studien 16) 1963.

³⁵ *Ibid.*, pp. 61-67.

(Is. 17,12-14; 29,1-8; 37,22-35). O império histórico dos assírios recebe traços de generalização típica e é perspectivado na realização escatológica, adquirindo «cunho acentuadamente super-histórico»³⁶.

A fisionomia meta-histórica dos arrogantes assírios passa aos sucessores de Babilónia (Is. 14,3-21; Jer. 50-51; Is. 47,1-15). Com a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, cresce com desusado espanto a soberba do inimigo, que aparece directamente como um anti-Deus³⁷.

O Exílio inaugura uma nova visão profética da ameaça. Gog e Magog são inimigos típicos (Ez. 38-39). Meta-históricos são ainda os quatro impérios de Dan. (c. 2)³⁸.

Com esta nova visão do poder pagão está preparado o fundo literário para um livro como o de *Judite*. Este ilustra a história do povo de Deus sem qualquer ligação à história. «É que o Livro de Judite não está referido a um acontecimento determinado, mas deve-se chamar antes uma abstracção da história das confrontações entre o povo de Deus e os inimigos pagãos de Javé»³⁹. «O género literário do Livro de Judite deve classificar-se como *livre narração histórica em parábola* (*freie parabolische Geschichtsdarstellung*)»⁴⁰. Seria um caso semelhante ao de *Tobias*, que fala no Exílio mas tem em mente a diáspora pos-exílica⁴¹, ou o género literário das narrativas de 2 Cron. 14,7-14; 20,1-30. Só com a diferença que o Cronista evoca personagens históricas (Asa e Josafat), enquanto Jdt. «põe a claro, em narração livre, as potências e as forças pelas quais se determina a história empírica do povo de Deus»⁴².

P.W. Skehan parece reprovar apenas o termo «parabolische», propício a gerar confusão⁴³. Mas acha que «como meditação sobre

³⁶ *Ibid.*, p. 68: «ein betont übergeschichtliches Gepräge».

³⁷ *Ibid.*, pp. 68-70.

³⁸ *Ibid.*, pp. 71-77. Cf. *ibid.*, p. 77: «Während aber die Auseinandersetzung Israels mit dem Phänomen einer ihm feindlichen Völkerwelt sich bis zum Exil immer nur auf konkrete historische Gegner erstreckt, setzt in nachexilischer Zeit, aufbauend auf den bisher gewonnenen überzeitlichen Einsichten in das Wesen und Wirken einer gottfeindlichen Völkerwelt und in Weiterführung der aufgezeigten Grundlinien, eine neue Sicht der heidnischen Weltmacht ein.»

³⁹ *Ibid.*, p. 125.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 133 (sublinhado do autor). Haag confessa (*ibid.*, p. 125, n. 10) que a paternidade da designação pertence a JUNKER, *Die Zerstreuung der Völker nach der biblischen Urgeschichte*, em TThZ 70 (1961) 182-185.

⁴¹ E. HAAG, o. c., p. 127.

⁴² *Ibid.*, p. 133.

⁴³ P.W. SKEHAN, *The Hand of Judith*, em CBQ 25 (1963) 108, n. 17, pois o estudo de Haag «will be found to complement what has here been said».

a providência de Deus, como *haggada* pascal, *Judite* é magnífico...»⁴⁴ e que a narrativa «representa mais uma esperança que um episódio»⁴⁵.

Devemos sem dúvida a Dubarle, Haag e Skehan as melhores observações sobre o género literário de *Judite*. Mas nenhum satisfaz inteiramente. O mesmo se dirá da conclusão deste trabalho. Dubarle é demasiado incaracterístico, buscando semelhanças em variadíssimos lugares e recusando-se a pôr uma etiqueta no género que descreve. Haag e Skehan fazem do livro um tratado puramente especulativo em forma de narração histórica. E é de admitir a possibilidade, se não a probabilidade, de algum substracto histórico, uma acção isolada de uma mulher valente (uma espécie de padeira de Aljubarrota a brandir a beleza em lugar da pá) ou um conjunto de acontecimentos estilizados num evento típico. Seria preciso reter as implicações históricas de Dubarle e o tom *haggádico* de Skehan ou *parabólico* de Haag. O que conseguimos se pudermos entender Jdt. como dramatização de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos realmente acontecidos.

Até agora, ou não se viu a conexão com um substracto histórico ou se não atinou com o carácter artificial da composição literária. E não se conseguiu acordo sobre a identificação dos episódios históricos que servem de substracto ao livro. Há tendência para seguir Charles e Schürer, que ligam Jdt. a episódios da história persa dos meados do século IV, nas vésperas das campanhas vitoriosas de Alexandre. O Nabucodonosor de Jdt. seria Artaxerxes III Ochos (358-338 a. C.)⁴⁶.

Mas não aludirá Jdt. antes às campanhas militares dos Macabeus? Estas tiveram sobre o povo um impacto infinitamente maior que as incursões de Artaxerxes III contra o Egipto e estavam mais frescas na mente do autor, quase contemporâneo ou mesmo contemporâneo dos acontecimentos. R. Stiehl pensa que o «romance histórico» trata realmente da resistência a Antíoco IV, apresentado sob a capa de Nabucodonosor⁴⁷. Mas isto é tender para a alegoria. E já vimos

⁴⁴ *Ibid.*, p. 108.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 109.

⁴⁶ H. CAZELLES, *Le personnage d'Achior dans le livre de Judith*, em *RechSR* 39 (1951) 135.

⁴⁷ R. STIEHL, *o. c.*, p. 213.

que a designação de «romance histórico» é imprópria. A interpretação alegórica de *Judite* já a tentara Grotius, que achou correspondência nos factos para muitos traços da narrativa: «יהודית = Judaea gens. Bethulia = בֵּית-אֵלִיָּה = templum. Gladius inde egrediens = preces sanctorum. Nabuchodonosor = Diabolus. Holophernes... = Antiochus, qui Judaeam formosam quidem, sed vidulam i. e. ab omni auxilio desertam subigere volebat. (...) Joachim, qui dicitur fuisse summus sacerdos, Deum surrecturum significat. (...) Coetera sunt ἐπεισοδιώδη ornamenti causa addita, qualia in parabolis multa»⁴⁸. É alegoria muito arbitrária, como reconhece Fritzsche, e não vale a pena refutá-la. Mas se pudéssemos ver em Jdt. em vez de alegoria uma parábola, fundada nas campanhas dos Macabeus? Estaríamos na definição de Haag e dar-lhe-íamos substracto histórico.

«Judite» e os Macabeus

Se Dubarle não consegue rotular o género literário de Jdt. não é à falta de paralelos bíblicos, pois apresenta nada menos de 31, da campanha dos reis orientais contra Abraão (*Gn.* 14) a Jub. 30, que narra a seu modo o incidente da violação de Dina⁴⁹. Muitos destes paralelos já tinham sido apontados por outros autores⁵⁰.

E. Haag, interessado em situar literariamente o livro, prescinde praticamente da história. Mas creio que é preciso tê-la em conta para determinar o género literário *deste* livro. Pois «il semble assez probable que le livre de *Judith* reflète certaines circonstances et l'atmosphère spirituelle des guerres d'indépendance maccabéennes»⁵¹. E é opinião generalizada, como vimos, que o livro foi escrito depois dessas escaramuças. Tentemos concentrar a atenção nesse pano de fundo.

⁴⁸ Em O. F. FRITZSCHE, *o. c.*, pp. 125-126. Também para G. Volkmar Jdt. é uma alegoria, mas da vitória da Judeia («Judite») sobre o legado do novo «Nabucodonosor», Trajano, depois da sua vitória contra os partas («medos»), cf. E. C. BISSEL, *The Apocrypha of the Old Testament*, New York 1880, p. 160.

⁴⁹ A.-M. DUBARLE, *o. c.*, I, 137-160.

⁵⁰ A. MILLER, *o. c.*, p. 15; L. SOUBIGOU, *o. c.*, p. 495; A. LEFÈVRE, *o. c.*, col. 1316, 1318-1319; A. BARUCQ, *o. c.*, pp. 15, 18; G. PRIERO, *o. c.*, pp. 16, 28.

⁵¹ A.-M. DUBARLE, *o. c.*, I, 157.

Dos feitos históricos dos Macabeus falam sobretudo os livros do mesmo nome. Mas a mentalidade e o clima de angústia vivido nesse tempo de opressão encarnçada, de cedências cobardes e de resistências heróicas ressalta com nítida evidência doutro livro doetâneo, onde não falta moldura aparentemente histórica — *Daniel*. Dan. transporta-nos ao Exílio de Babilónia e faz-nos assistir ao embate ca fé javista com as ideologias religiosas pagãs. Jdt. sobe ao tempo persa e encena a guerra relâmpago de Holofernes, que pára surpreendentemente no limiar do maciço central da Palestina. Tanto em Dan. como em Jdt. aparece um Nabucodonosor onnipotente, com pretensões a honras divinas (cf. *Jdt.* 3,8 com *Dan.* 3,7 ss; 7,25). É certo que o Nabucodonosor de Dan. é mais simpático e acaba sempre por reconhecer o Deus de Israel. Mas o seu «alter ego» na Palestina, Holofernes, só não se converte por falta de tempo (*Jdt.* 11,23). E é substituído por outro pagão importante, Aquior, que entra para a comunidade javista (*Jdt.* 14,10). A promessa de um lugar no palácio imperial (*Jdt.* 11,23) aproxima Judite de Daniel e companheiros (*Dan.* 1,1ss). Judite censura as autoridades de Betúlia por porem um *ultimatum* a Deus, que pode salvar ou destruir, ouvirá a nossa prece «se tal é o seu desejo» (*Jdt.* 8,17), mas não se pode «levar à parede como um homem». (*Jdt.* 8,16). Shadrak, Meshak e Abed Nego recusam-se a adorar a estátua de ouro, confessando que Deus os pode libertar da fornalha, mas proclamam inequivocamente que lhe permanecerão fiéis, ainda que Ele o não faça (*Dan.* 3,17-18). Num e noutro caso se confia e quase se espera uma intervenção miraculosa de Deus, sem fazer dela condição para a fidelidade.

Há finalmente certos contactos de vocabulário entre os dois livros. O mundo zoológico — «os animais do campo e as aves do céu» — pertence a Nabucodonosor em *Daniel* θηρία τε ἀγροῦ καὶ πετεινὰ οὐρανοῦ (2,38), como em *Judite* τὰ θηρία τοῦ ἀγροῦ καὶ τὰ πετεινὰ τοῦ οὐρανοῦ (11,7).

Os contactos com os livros dos Macabeus são, porém, muito mais estreitos. A recente purificação do Templo poderia ser a de Judas Macabeu em 164 a. C. (*Jdt.* 4,3; 1 *Mac.* 2,36-39; 2 *Mac.* 10,1-8). A longa paz que se seguiu à façanha de Judite (*Jdt.* 16,25) recorda bem o reinado de Simão (1 *Mac.* 14)⁵². A expressão ἡμέρας πολλάς ocorre frequentemente em 1 *Mac.* (6,31.51.52; 9,20.64; 11,40.65;

⁵² A. LEFÈVRE, o. c., col. 1315.

13,26). Também se repousa, embora *ἡμέρας ὀλίγας* ((1 Mac. 7,50), após a morte de Nicanor. Com a morte repentina de Alcimo «a terra descansou durante dois anos» (1 Mac. 9,57). Nos livros dos *Macabeus* alude-se frequentemente a despojos abundantes (1 Mac. 3,12; 5,28.68; 10,37; 11,48; 2 Mac. 8,31), como em *Judite* (15,7). E a viuvez de Judite — três anos e quatro meses — não evocará os três anos que medearam entre a profanação do Templo e a retomada do culto? ⁵³.

Holofernes comanda um exército medonho: 120 000 peões, 12 000 cavaleiros e um enxame de tropas auxiliares (*Jdt.* 2,7; cf. 2,15.19-20; 7,2). São sensivelmente os efectivos das tropas de Lísias: 100 000 peões e 20 000 cavaleiros, com 32 elefantes (1 Mac. 6,30; segundo 2 Mac. 13,2 eram 110 000 peões e 5 300 cavaleiros) ⁵⁴. Os enormes contingentes de tropas inimigas impressionam visivelmente o autor da história dos Macabeus, não menos que o autor de *Judite*. A tal ponto que se dá ao exército sírio simplesmente o nome de *πλῆθος* (1 Mac. 3,17, 4,8; 6,41; 9,6.63; 10,77; 15,3; 2 Mac. 2,21; 13,1; 14,1.41; 15,21; 3 Mac. 1,24). Não menos impressionado, o autor de *Judite* insiste em frisar a «ingentíssima multidão de homens de armas» de Holofernes, *πλῆθος ἀνδρῶν πολεμιστῶν πολὺ οφόδρα* (1,16) *πλῆθος πολὺ σφόδρα* (2,17; 7,2.18; 15,7), *πλῆθος δυνάμεως αὐτοῦ* (5,3) *πλῆθος πολὺ* (5,10).

É neste *πλῆθος*, no número, que os homens confiam. Mas «não é na quantidade que reside a força» de Deus οὐ γὰρ ἐν πλῆθει τὸ κράτος σου (*Jdt.* 9,11), ου οὐκ ἐν πλῆθει δυνάμεως νίκη πολέμου ἐστίν (1 Mac. 3,19), embora mais genérico.

Ressalta à vista a semelhança entre a sorte de Nicanor, decapitado depois de vencido pelos judeus, e o fim trágico de Holofernes. A cabeça de Nicanor é levada para Jerusalém e exposta nas muralhas da cidade. O mesmo sucede em Betúlia com a cabeça de Holofernes. A decapitação é descrita com as mesmas palavras:

ἀφεῖλεν τὴν κεφαλὴν αὐτοῦ («cortou-lhe a cabeça» *Jdt.* 13,8); *τὴν κεφαλὴν Νικάνορος ἀφεῖλον* (1 Mac. 7,47).

⁵³ G. PRIERO, *o. c.*, p. 17.

⁵⁴ Mesmo em 1-2 Mac. não se podem aceitar estes números como rigorosos. Josefo (*Guerra Judaica* I, 1, 5) fala apenas em 50 000 homens de infantaria acrescidos de 5 000 cavaleiros, o que deve ser mais exacto. Cf. H. BÉNEVOT, *Die beiden Makkabäerbücher* (HSAT IV/4), Bonn 1931, pp. 34-35, 91. 120 000 foram os nómadas que sucumbiram ao ataque de Gedeão (Jz. 8,10), os soldados da Transjordânia em 1 Cron. 12,38 e os recrutas de Roboão em 1 Re. 12,21 (LXX).

Depois do atentado e da fuga precipitada do exército assírio, como depois da derrocada de Nicanor, os judeus cercam os fugitivos e para ambos os episódios se emprega a mesma expressão: ὑπερεκέρασαν αὐτούς («cercaram-nos» *Jdt.* 15,5), ὑπερεκέρων αὐτούς (*1 Mac.* 7,46). São os únicos lugares em toda a Bíblia em que ocorre este verbo. Jónatas pilha o exército sírio e percorre a região até Damasco (*1 Mac.* 11,62). As gentes de Israel perseguem o inimigo até Koba (*Jdt.* 15,6), que deve ficar para esses lados.

A geografia de Betúlia é puramente imaginária, como aliás a própria cidade. Os estudiosos judeus do Livro de Judite sempre tiveram por óbvio que a cidade defendida pela heroína é realmente Jerusalém. A narrativa parece dar-lhes razão, pois de Betúlia depende a salvação do Templo (*Jdt.* 8,4) e o que está em jogo, tanto antes como depois da libertação, é a exaltação de Jerusalém (*Jdt.* 10,8; 13,4; 15,9)⁵⁵. Ter-se-á escolhido o nome de Betúlia por associação sonora com o nome da fortaleza de Betsur, que se tornou quase simbólica na arrancada dos Macabeus (cf. *1 Mac.* 4,61; 6,7.27.31): A probabilidade aumenta quando vemos num dos três lugares (*Jos.* 19,4; *1 Sam.* 30,27; *1 Cron.* 4,30) em que F. Stummer⁵⁶ procura a origem histórica e etimológica de Betúlia os LXX escreverem Βαθσουρ (*1 Sam.* 30,27) por בית אל (TM), que deve ser, por sua vez, בתואל (*1 Cron.* 4,30) ou בחול (*Jos.* 19,4)⁵⁷. Ora בתואל é o nome de Betúlia num dos quatro manuscritos hebraicos e בתול

A atmosfera comum aos dois livros manifesta-se sobretudo na preocupação pelo Templo e na preparação ascética para a vitória do povo de Deus.

Os habitantes da Palestina esqueciam a ameaça que pairava sobre as suas cabeças e só pensavam na sorte do Templo de Jerusalém. Ao saberem que Holofernes destruía os santuários por onde quer que passava, «tremeram por Jerusalém e pelo Templo do Senhor» (*Jdt.* 4,2). Igual preocupação domina as guerrilhas dos Macabeus. Seja simplesmente τὰ ἄγια (*Jdt.* 8,24; 16,20; *1 Mac.* 4,36.41.43.48; 6,18.53; 7,53 etc.), seja ἄγια κυρίου (*Jdt.* 4,13) ou τὰ ἄγια σου (*Jdt.* 9,8; *1 Mac.* 3,51; 7,42) ou τὰ ἄγια ἡμῶν/αὐτῶν (*Jdt.* 8,21; *1 Mac.* 2,12; 3,58; 14,29.32), o santuário domina as atenções e as

⁵⁵ Cf. P. W. SKEHAN, *o. c.*, p. 103.

⁵⁶ F. STUMMER, *Das Buch Judit* (Echter-Bibel), Würzburg 1954, p. 6.

⁵⁷ BH³, *ad locum*.

intenções. A ideia que o santuário poderá ser (*Jdt.* 9,8) ou já foi (*1 Mac.* 3,51) profanado comove profundamente os autores de *Judite* e *1 Macabeus*.

Nesta atmosfera de guerra santa contam mais as disposições morais do que a força das armas. E assim se insiste na preparação espiritual com jejum (*Jdt.* 4,13: o povo; 8,6: a heroína; *1 Mac.* 3,47: os guerrilheiros de Judas Macabeu no lugar sagrado de Mispá). Puxam das vestes grosseiras de penitência. Matatias e os filhos (*1 Mac.* 2,14) como Judas e os seus homens περιέβαλοντο σάκκους (cf. *2 Mac.* 10,25). Ante o embate com as tropas de Holofernes não só se cobrem os judeus de «saco» (*Jdt.* 4,10.14) mas até ao próprio, altar σάκκῳ περιέβαλον (*Jdt.* 4,11) em amplo gesto de dramatização penitencial. É evidente que foi mais o «saco» (*Jdt.* 8,5; cf. 9,1; 10,3) que a desenvoltura elegante e perfumada que serviu de arma fatal no atentado. Há a mesma teologia nos dois livros. Deus e a sua força é que dirimem as guerras. O homem deve entregar-se confiadamente nas mãos de Deus e preparar-se asceticamente para a luta. O que aproxima *Jdt.* da ideologia da guerra santa, em que um dos elementos era a preparação do povo, com sacrifícios (*1 Sam.* 7,9; 13,9-12), abstinência sexual (*1 Sam.* 21,6; *2 Sam.* 11,11) e ritos penitenciais (*Jz.* 20,23.26; *1 Sam.* 30,4; 11,4).

Há finalmente outro traço que liga *Jdt.* à época e à atmosfera dos Macabeus: a festa de Hanuca. A ligação é feita expressamente por alguns midraches judeus. A tradição midráchica, que forma a terceira grande categoria de narrações relativas a *Judite*, pensa em Jerusalém cercada pelos exércitos gregos⁵⁸. Foi neste contexto histórico, como se sabe, que se instituiu a festa de Hanuca para comemorar a purificação do Templo, a 25 de Kisleu (Dezembro) de 164 a. C. (cf. *2 Mac.* 10,5). Decidiu-se que a festa fosse celebrada todos os anos (*1 Mac.* 4,49), embora não se saiba se esta determinação se cumpriu nos anos seguintes, quando os sírios ocuparam a cidade. Mas a situação mudou em 142. E em 124 recomenda-se a celebração da Hanuca numa carta aos judeus do Egipto, evocando-se uma carta anterior, de 143 (*2 Mac.* 1,1-9. A primeira parte do Segundo Livro dos Macabeus é uma justificação histórica da festa⁵⁹, que se celebra até aos nossos dias.

⁵⁸ A.-M. DUBARLE, *o. c.*, I, 126,133.

⁵⁹ Cf. R. DE VAUX, *Les Institutions de l'Ancien Testament*, II, Paris, 1960, p. 420.

São dois os midraches para a festa de Hanuca, um publicado por Jellinek ⁶⁰ e outro por S. Loewinger ⁶¹, que utiliza o manuscrito n.º 188 da Biblioteca Kaufmann de Budapest. Um e outro colocam consequentemente o episódio no tempo dos gregos. O próprio texto hebraico (E de Dubarle) recebeu uma conclusão midráchica para ligar a narrativa à Hanuca ⁶².

Mas nem sequer no texto canónico faltam contactos. Os festejos da vitória em Jdt. recordam certos pormenores da descrição da festa em 1 Mac. 4,52-54 e 2 Mac. 10,7. A profanação do Templo acarretara, entre outras coisas, a celebração de festejos dionisíacos, em que os judeus eram obrigados a participar. Empunhavam-se tirsos nos cortejos dessas celebrações. Tal uso passou à festa de Hanuca (2 Mac. 10,7). Tirsos se encontram igualmente na celebração da vitória em Jdt. (15,12). Fora destes dois lugares, nunca a palavra θύρσος aparece nos LXX. Em ambas as festas se usavam «coroas» (1 Mac. 4,57; Jdt. 15,13), ἐν κυμβάλοις (1 Mac. 4,57; Jdt 16,2).

Até a cronologia de Jdt. liga possivelmente as duas coisas, fazendo uma ponte nos Tabernáculos. Holofernes chega a Damasco em princípios de Junho, «por altura da colheita do trigo» (Jdt. 2,7), pacifica rapidamente a orla marítima e chega à planície de Esdrelon, em meados do mesmo mês provavelmente. Dá um mês de descanso às suas tropas (Jdt. 3,10) e estamos em meados de Julho. O cerco de Betúlia dura 39 dias (Jdt. 7,20; 12,10), o que nos leva a fins de Agosto ou princípios de Setembro. Com os trinta dias de pilhagem (Jdt. 15,13), a procissão só pode entrar em Jerusalém pela festa dos Tabernáculos, em fins de Setembro ou princípios de Outubro. Se os peregrinos ficam três meses em Jerusalém (Jdt. 16,20), ligaram Tabernáculos e Hanuca. Não admira que a primeira celebração de Hanuca se tenha feito «à maneira da festa dos Tabernáculos» (2 Mac. 10,6) e se venha a falar na «festa dos Tabernáculos do mês de Kisleu» (2 Mac. 1,9). Realmente, ambas as festas se prolongavam por oito dias (Lev. 23,34-36) e numa e noutra se usavam ramos (Lev. 23,40-41) ⁶³.

Os midraches apenas explicitaram o que estava insinuado.

⁶⁰ A. JELLINEK, *Beth hammidrasch*. Sammlung kleiner Midraschim und vermischter Abhandlungen aus der älteren jüdischen Literatur, I, 1853, pp. 132-136.

⁶¹ S. LOEWINGER, *ד'ש לא ווינגר יהודית שושנה נוסחות חדשות מוצאין* לאור עלף כ"י בבורפיש Budapest 1940.

⁶² A.-M. DUBARLE, *o. c.*, I, 84-85, 91.

⁶³ R. DE VAUX, *o. c.*, II, 422.

Conclusão

A mentalidade religioso-nacionalista e o zelo pela Lei ⁶⁴, a preparação ascética e a preocupação pelo Templo fazem do Livro de Judite um bom espelho da era dos Macabeus. Os contactos de vocabulário, os episódios evocados e a relação com a festa de Hanuca fazem de Jdt. o primeiro reflexo literário das campanhas militares que opuseram os guerrilheiros judeus aos exércitos de Antíoco IV ⁶⁵. Ninguém tomará, porém, o livro por relato histórico ou romance histórico sequer. O livro obedece a uma óptica teatral ⁶⁶, numa estrutura simétrica de prólogo, acção em três actos (I acto, acampamento nos arredores de Betúlia, com Aquior em primeiro plano; II acto, Betúlia, com Judite a dominar a cena; III acto, tenda de Holofernes) e epílogo. O ritmo da acção está igualmente enquadrado em simetria. Começa-se com 120 dias de festa (1,16) e termina-se com três meses de celebração da vitória (16,20). Instala-se o campo num mês (3,10), o tempo necessário para a recolha dos despojos (15,1-7). À marcha vertiginosa do início (cc. 1-3) corresponde a fuga precipitada do fim (15,1-3). O centro é ocupado pelo cerco (7,1-13,20), em que o climax é a decapitação de Holofernes. Compreende-se bem que o livro, escrito poucas décadas depois da vitória dos Macabeus, ainda respire a atmosfera confiante e optimista da paz que se seguiu. Mas não é a alegoria de Grotius. É um acontecimento típico, como acertadamente viu E. Haag. Mas um típico que não assenta no ar nem em episódios semi-lendários. Por detrás de Jdt. está dramatizada tipicamente a guerra de libertação nacional dos meados do século II a. C., por muitas influências bíblicas que se espelhem neste ou naquele traço.

O género literário de Jdt. é realmente a *parabolische Geschichtsdarstellung*, não desenraizada da história (como se depreende da apresentação de E. Haag), mas construída sobre a experiência vivida da vitória das armas judaicas contra o opressor sírio. *Daniel* podia incitar à resistência, na esperança de que Deus não faltaria aos seus compromissos. *Judite* saboreia a vitória.

JOSÉ NUNES CARREIRA

⁶⁴ O. EISSFELDT, *Einleitung in das AT*, 1964, 795-796, um dos argumentos para a datação de Jdt.

⁶⁵ 1 Mac. apareceria umas décadas mais tarde; cf. F.-M. ABEL, *Les Livres des Maccabées* (Études Bibliques), 2.^a ed. Paris 1949, pp. XXVIII-XXIX, o qual o situa por volta de 100 a. C.

⁶⁶ J. STEINMANN, *o. c.*, p. 125.

Summary

Some unanimity has been reached among biblical scholars with regards to the original text and the date of the deuterocanonical Book of Judith. But many doubts and uncertainties remain concerning its literary form. It is fairly easy to say what *it is not*. It is more difficult to know *what it really is*. A. Lefèvre maintains that there is no proper word to call it. This literary form has no name, says Dubarle. J. Steinmann and A. Barucq tend to the apocalyptic form. E. Haag classifies the book as «parabolische Geschichtsdarstellung». This is the best name provided, however, that the book is not considered as pure theological dissertation. The «parable» is based on the vital experience of the Maccabees' wars of liberation. The comparison between Dan and Jdt on one hand and 1 Mac and Jdt on the other hand leads to this conclusion.

JOSÉ NUNES CARREIRA